




Estratégias econômicas das famílias rurais hatianas: uma análise das fontes de renda em saint-raaphael*

Economic strategies of hatian rural families: an analysis of income sources in saint-raaphael

Osthe, John; Nestor, Frazier Meliano; Wesz Junior, Valdemar João

 John Osthe
johnosthe123@gmail.com
Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR, Brasil

 Frazier Meliano Nestor
nestorfrazier1@gmail.com
Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR, Brasil

 Valdemar João Wesz Junior
jwesz@yahoo.com.br
Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

Pampa. Revista Interuniversitaria de Estudios Territoriales

Universidad Nacional del Litoral, Argentina
Universidad de la República, Uruguay
ISSN: 1669-3299
ISSN-e: 2314-0208
Periodicidad semestral
Núm. 30, e0084, 2024
revistapampa@unl.edu.ar

Recepción: 19 Febrero 2024

Aceptación: 26 Septiembre 2024

DOI: <https://doi.org/10.14409/pampa.2024.30.e0088>



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Resumo. O objetivo deste artigo é identificar as fontes de renda e as estratégias econômicas de famílias rurais no município de Saint-Raphael, departamento Norte do Haiti. Para tanto, além da utilização de referências bibliográficas e dados secundários, foi aplicado um questionário a 25 famílias rurais. Os resultados deste estudo apontam para uma diversificação das fontes de renda, com uma média de 14,3 fontes por família, que provem tanto de uma variada produção agropecuária (para venda e autoconsumo) como de atividades não-agrícolas e do recebimento de remessas de familiares que vivem no exterior. No entanto, em termos de valor, predomina o ingresso obtido via produção agropecuária (87,1% do valor total). Além disso, há uma forte desigualdade econômica entre as famílias, além de uma elevada insatisfação acerca da sua condição financeira e uma baixa perspectiva de futuro, indicando a necessidade e o desafio de pensar processos de desenvolvimento rural em Saint-Raphael.

Palavras-chave: Fontes de ingresso, produção agropecuaria, desenvolvimento rural, Haiti.

Abstract. The aim of this paper is to identify the sources of income and economic strategies of rural families in the municipality of Saint-Raphael, northern department of Haiti. For that, in addition to the use of bibliographical references and secondary data, a questionnaire was applied to 25 rural families. The results of this study point to a diversification of income sources, with an average of 14.3 sources per family, which come both from a varied agricultural production (for sale and self-consumption) and from non-agricultural activities and receiving remittances from family members living abroad. However, in terms of value, income obtained from agricultural production predominates (87.1% of the total value). In addition, there is strong economic inequality among families, as well as high

dissatisfaction with their financial condition and low prospects for the future among respondents, indicating the need and challenge of thinking about rural development processes in Saint-Raphael.

Keywords: *Income sources, agricultural production, rural development, Haiti.*

* Este texto é uma versão revisada e atualizada do artigo “Desenvolvimento rural no Haiti: uma análise da composição da renda das famílias agricultoras em Saint-Raphael” apresentado no 61º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, realizado entre os dias 23 e 27 de julho de 2023, em Piracicaba, São Paulo, Brasil. Neste evento o artigo foi vencedor do Prêmio Moacyr Piffer, concedido ao Melhor Trabalho de Iniciação Científica (Mopic). Os autores agradecem ao Jerry Zephyr pelo apoio na pesquisa de campo e à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) pelo suporte via editais de Iniciação Científica e de Apoio ao Pesquisador (n. 77/2022/PRPPG e n. 121/2023/PRPPG).

1. INTRODUÇÃO

A República do Haiti tem enfrentado, historicamente e na atualidade, problemas de ordem econômica, social, política, humanitária e climática, que impactam de maneira intensa e direta a sua população (Valler Filho, 2007; Beckett, 2020; Gomez Ramirez, 2022; Paul, Govain e Emmanuel, 2023). Além de liderar o posto de país mais pobre (CEPAL, 2024) e com pior índice de desenvolvimento humano das Américas (PNUD, 2024), a fome tem se mantido em patamares altíssimos nos últimos 20 anos, afetando praticamente metade da sua população (FAO, 2024). Embora esses problemas atinjam tanto espaços urbanos como rurais, eles são mais intensos no campo, onde o acesso a serviços básicos e a políticas públicas de diferentes âmbitos é ainda mais difícil (Lundahl, 2015; Gutiérrez e Gilbert, 2019; Dor e Wesz Jr., 2023). E, quando ocorrem melhorias socioeconômicas no país, os avanços são muito mais lentos no campo quando se compara com as áreas urbanas (Charles, 2019).

Ao longo das décadas o peso do setor agrícola na economia haitiana diminuiu significativamente. Entre os anos 1950 e 2023, o PIB do setor agrícola caiu de 44,4% para 18,5%. O mesmo ocorreu com a população rural, cuja participação sobre a população total decresceu de 90,3% para 40,3% no mesmo período (Paul, Daméus e Garrabe, 2010; Banco Mundial, 2024). Essa redução é resultado, sobretudo, de um elevado êxodo rural, derivado principalmente da inacessibilidade à terra, fragmentação das unidades de produção e queda nos rendimentos agrícolas (Théodat, 2001; Dor e Wesz Jr., 2023). Inclusive uma parte expressiva da diáspora haitiana é composta por população de origem rural, como indicam os estudos de Dubois (2012), Arps e Peralta (2021), David (2021), entre outros.

Além disso, os agricultores haitianos ainda têm dificuldade na comercialização da sua produção dado o aumento do ingresso de alimentos importados, que se expandiram substantivamente a partir da política econômica neoliberal implementada no país a partir da década de 1980 (Lévy, 2001; Baptiste, 2007; Étienne, 2023). No caso do arroz, alimento básico na dieta haitiana, aproximadamente 80% do que é consumido nacionalmente provem de importação, sobretudo dos Estados Unidos, valor que não chegava a 10% no início da década de 1980 (MARNDR, 2016; Frenat e Wesz Jr., 2024). Vale pontuar que, de acordo com o Ministério da Agricultura, Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural (MARNDR, 2012), nas áreas rurais do país predominam pequenas unidades de produção, que dispõem, em média, de 0,93 hectares de superfície agrícola, operada majoritariamente por famílias camponesas.

Diante do contexto exposto, que indica a complexidade da situação haitiana e as difíceis condições socioeconômicas da sua população rural, é interessante e pertinente estudar os meios e as estratégias econômicas que as famílias rurais tem construído e mantido para enfrentar um contexto marcado por crises de diferentes naturezas. Para tanto, este artigo tem como objetivo identificar as fontes de renda de famílias rurais, especificamente no município de Saint-Raphael, localizado no departamento Norte do país. A escolha desta localidade ocorre porque, além de ser uma comuna importante na produção agropecuária regional e de ter uma população rural predominante (MARNDR, 2012), um dos autores provem deste município, o que facilitou a realização desta investigação, dado que muitas famílias não se sentem confortáveis em responder questões pessoais, sobretudo de ordem econômica, a desconhecidos.

Além desta Introdução e das Conclusões, este artigo é composto por outras três partes. Inicialmente se analisa o tema de desenvolvimento rural e seus desafios para o Haiti. Em seguida vem a metodologia, que inclui uma breve apresentação da área de estudo (Saint-Raphael - Haiti), assim como do desenho da pesquisa. Na sequência são analisados e discutidos os resultados da investigação, que perpassam as características das famílias e dos seus estabelecimentos agropecuários, adentrando-se principalmente nas diferentes fontes de renda e nas estratégias econômicas das famílias entrevistadas.

2. CAMPO REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Desenvolvimento rural e seus desafios no Haiti

O tema do desenvolvimento rural tem passado por mudanças significativas na maneira com que pesquisadores, poder público e sociedade civil organizada o entendem e interpretam. Durante muito tempo este termo foi associado às ações do Estado e dos organismos internacionais, cujo objetivo era integrar as regiões rurais pobres ao processo de modernização agrícola via substituição de fatores de produção considerados atrasados (Schneider, 2010). Segundo Élisma e Joyal (2013), tradicionalmente, o desenvolvimento rural era equiparado ao desenvolvimento agrícola, mas, cada vez mais, essas duas noções foram se distanciando, embora o desenvolvimento rural também incorpore o desenvolvimento da agricultura.

Não obstante, o conceito de desenvolvimento rural não tem como foco a promoção da modernização agrícola nos espaços rurais, algo que ainda predomina quando se refere ao desenvolvimento agrícola. Segundo o Condráf (2013), o desenvolvimento rural pode ser associado a um conjunto de ideias que visa a criação de capacidades - humanas, políticas, culturais, técnicas etc. - que permitam às populações rurais agir para transformar e melhorar suas condições de vida, por meio de mudanças em suas relações com as esferas do Estado, do mercado e da sociedade civil.

Nesse sentido, quando se fala do desenvolvimento rural na atualidade, se está referindo a um processo multidimensional e intersetorial de práticas que reduzem as vulnerabilidades, promovem a construção de capacidades dos atores, estimulem a resiliência e melhorem as condições de vida das populações rurais (Schneider, 2010; Rocha et al., 2021). E, como argumenta Ramos (2003, p. 175), “el desarrollo rural en su sentido amplio (reducción de pobreza, competitividad agroalimentaria, manejo sostenible de recursos naturales) continúa siendo una asignatura pendiente en América Latina y el Caribe”.

No caso do Haiti, que como comentado enfrenta múltiplas e severas crises de ordem econômica, social, política, humanitária e climática, a promoção do desenvolvimento rural é ainda mais desafiadora. Para pensar nessa realidade, alguns elementos são centrais e precisam ser levados em consideração. O fator demográfico, por exemplo, é um deles, dado que tem ocorrido uma forte emigração interna das populações rurais para as regiões urbanas do país ou para o exterior, como visto na Introdução. Este fenômeno está levando a uma urbanização descontrolada em cidades que já não são capazes de realizar um acolhimento adequado, intensificando problemas sociais, econômicos e de segurança pública. Esse processo, além dos efeitos sobre as áreas urbanas, também afeta o espaço rural. Segundo Paul, Daméus e Garrabe (2010), o êxodo rural no Haiti foi, antes de tudo, um êxodo agrícola. Com isso, há cada vez menos produção agropecuária e falta mão-de-obra para as atividades agrícolas.

A estrutura fundiária também é um dos fatores com forte efeito quando se discute desenvolvimento rural, pois o Haiti é caracterizado pela presença de pequenas propriedades de produção (minifúndios)¹, que limitam a reprodução social das famílias rurais (Van Vliet et al., 2017). Além disso, muitos paysans (como são corriqueiramente chamados em crioulo haitiano os camponeses ou pequenos agricultores) sofrerem com a falta de acesso à terra, com a predominância de métodos informais de gestão e com a insegurança fundiária. Isso se deve a muitos fatores, como o crescimento de superfícies em regime de copropriedade, a não legalização de transações de terras, a alienação de terras arrendadas e a apropriação irregular de determinadas áreas. Segundo o MARNDR (2012), quase 75% das terras em uso agropecuário são geridas de maneira informal pelos agricultores.

Além disso, no Censo Geral da Agricultura de 2008/2009 os produtores rurais indicaram como principais problemas a falta de recursos financeiros, mencionada por 74,9% do total, e a falta de apoio (público, privado, de organizações não-governamentais), citada por 43,4% do total, sendo os dois

¹ Segundo Censo Geral da Agricultura de 2008/2009, as explorações com menos de 1 ha da terra representavam 48,2% das unidades de produção, cobrindo 16,9% da área dos estabelecimentos. Já aquelas com 1 a menos de 5 ha eram o estrato com maior número de estabelecimentos (51,0%) e também representavam a maior participação na superfície (76,7%). Assim, as explorações com mais de 5 ha correspondem a apenas 0,8% do número e 6,4% da superfície (MARNDR, 2012). Nesse sentido, pode-se dizer que existe uma baixa concentração na posse da terra no Haiti, com um índice de Gini de 0,46 (Vliet et al., 2017), muito distante dos valores encontrados no Paraguai (0,93), Chile (0,91), Colômbia (0,88), Brasil (0,87) e Peru (0,86) (Oxfam, 2016). Mesmo sem uma elevada concentração na posse da terra, o fato de predominarem minifúndios no país também é um problema, pois se trata de uma área geralmente insuficiente para viabilizar economicamente a unidade de produção (Barrozo, 2014).

principais obstáculos para o desenvolvimento das explorações agrícolas do país. Mas, além desses, também aparecem dificuldades no âmbito da irrigação (30,1%), acesso aos insumos (23,2%), desastres naturais (21,9%), acesso à crédito (21,1%), diminuição da fertilidade (15,0%), ataque de pragas e pragas (11,3%), além da erosão, falta de transporte, problemas na comercialização da produção, etc. (MARNDR, 2012).

Os eventos climáticos extremos seguem sendo um grande problema. Nos últimos 10 anos o Haiti foi atingido por dois fortes terremotos (em 2010 e 2018), três furacões (Sandy em 2012, Matthew em 2016 e Irma em 2017) e três episódios de seca severa (em 2014, 2015/16 e 2018/19). Ainda hoje, os efeitos desses desastres continuam a agravar a vulnerabilidade das populações, particularmente nas comunidades rurais, que obtêm seus meios de subsistência da agricultura (FAO, 2024). Segundo o Ministério de Assunto Sociais e Trabalho, 38% da população rural haitiana está em extrema pobreza (MAST, 2021). Em paralelo, tem ocorrido um aumento na desigualdade econômica no campo, algo que não se percebe com a mesma intensidade na zona urbana (Charles, 2019).

Não obstante situações de vulnerabilidade econômica, social e ambiental, as famílias rurais, como comentam Bebington (1999) e Ellis (2000), seguem construindo estratégias que lhes permitem afrontar estes contextos. Considerando que a maior dificuldade indicada pelos agricultores no último Censo Geral da Agricultura é a falta de recursos financeiros, que aflige três quartos do total, os agricultores têm mobilizado diferentes estratégias econômicas para enfrentar o problema, mesmo em um cenário pouco favorável. Esse é o foco desta pesquisa, olhando de maneira específica para algumas famílias do município de Saint-Raphael.

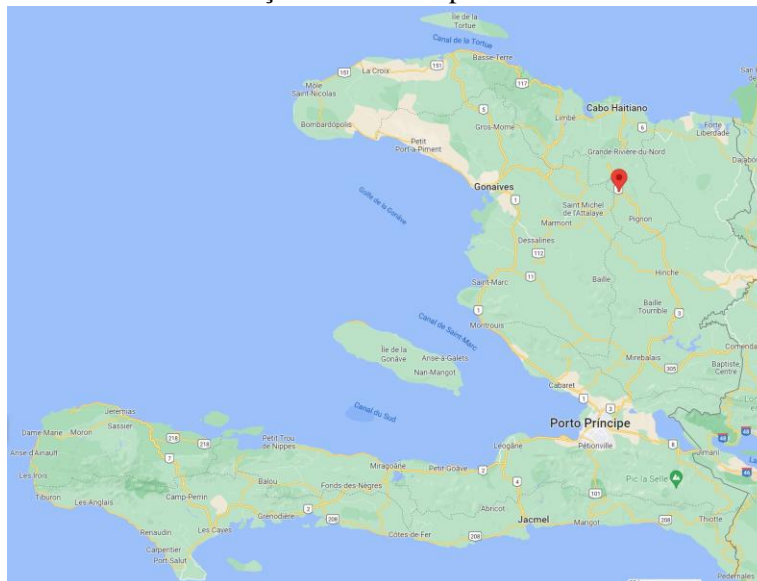
3. METODOLOGIA

3.1. Breve apresentação da área de estudo (Saint-Raphael – Haiti)

O município haitiano de Saint-Raphael fica no departamento Norte, sendo composto por 4 localidades: San-yago, Mathurin, Bouyaha e Bois Neuf. Esta comuna tem uma população de 53.755 pessoas, sendo que na localidade de San-yago vivem 37.515 pessoas e o restante (16.240 pessoas) é absorvido pelas outras três localidades (IHESI, 2015). O município tem uma superfície de 184 km², com uma densidade de 292 habitantes/km² (MTPTC, 2014). O clima é considerado um dos principais problemas enfrentados pelos agricultores no município, pois há um largo e intenso período de seca, que geralmente cobre os meses de abril a setembro. Inclusive há um perímetro irrigado em Saint-Raphael, que fica na parte norte do Plateau Central (Planalto Central), no Sul do município (Schreiner, 1985). A comuna é banhada pelo rio Bouyaha, que faz parte da bacia hidrográfica de Artibonite, e está a aproximadamente 50 km ao Sul de Cap-Haitien (Cabo Haitino), que é a segunda maior cidade do Haiti. Na Figura 1 é possível observar a localização de Saint-Raphael no mapa do Haiti.

Saint-Raphael, como todo Planalto Central, fez parte do território espanhol na época colonial. Esta região passa a integrar a colônia francesa em 1774, quando Toussaint Louverture reconquistou parte das terras que estavam sobre o controle de ingleses e espanhóis. Em Saint-Raphael, no período colonial, a agricultura de subsistência era praticada ao longo do rio Bouyaha, enquanto na planície se encontravam algumas instalações artesanais para produção de xarope de cana de açúcar e rapadura, os quais tinham como foco a comercialização. Entretanto, a maior parte do solo estava ocupado por plantas xerófitas (que conseguem sobreviver em ambientes semiáridos e desérticos), como campeche, bayahonde, mogno e carvalho (Schreiner, 1985).

Localização de Saint-Raphael no Haiti



Fonte: Google Maps (2022).

Entre 1915 e 1934, durante a ocupação americana, investimentos estrangeiros transformaram rapidamente a região. A primeira grande atividade foi o corte do campeche para a exportação, que perdurou de 1920 até 1930. Entre 1925 e 1930 alguns jamaicanos e italianos introduziram a cultura do tabaco em Saint-Raphael, e logo depois os próprios camponeses locais começaram a produzi-lo, confeccionando charutos artesanais, que eram exportados especialmente para República Dominicana. De 1928 até 1942 uma grande área da planície foi desmatada para o cultivo de algodão, mas, por conta do ataque de pragas, os agricultores voltaram aos sistemas anteriores, focados nos cultivos e criações para a subsistência e no beneficiamento da cana de açúcar. Em 1948 o Serviço de Cooperação Interamericano de Produção Agrícola (SCIPA) implementou um sistema de irrigação na planície de Saint-Raphael, introduzindo o plantio do arroz e de hortaliças (cebola, cenoura, pimenta, alho-poró e beterraba). Esta iniciativa perdurou entre 1951 e 1956 e, além do foco no arroz e nos legumes, também foram trazidas novas raças de bovinos com a perspectiva de obter um maior rendimento frente as raças crioulas predominantes (Schreine, 1985). Atualmente a irrigação segue sendo usada pelos agricultores, como se pode ver nas fotos abaixo (Figura 2).

O Censo Geral da Agricultura de 2008/2009 traz algumas características importantes acerca da região Norte e do município de Saint-Raphael. Das 1.053.107 unidades agropecuárias de produção listadas no Haiti, 103.624 foram contabilizadas no departamento Norte, representando 9,8% de todo o país. Elas cobrem uma área de 83.928,9 carreau² (108.268,3 hectares), correspondendo a uma média de 0,81 cx (1,0 hectare) por estabelecimento. Em Saint-Raphael haviam 5.653 explorações agropecuárias em uma superfície de 4.112,2 cx (5.304,7 hectares), o que significa uma área média de 0,93 hectares. Além disso, a condução do estabelecimento é feita majoritariamente por homens, que chegam a praticamente três quartos do total. Outra marca do espaço rural de Saint-Raphael é o analfabetismo, que chega a 48,8% dos recenseados, valores próximos à realidade regional e nacional (MARNDP, 2012).

FIGURA II
Parcelas agrícolas irrigadas em Saint-Raphael

² 1,0 carreau (cx) equivale a 1,29 hectares (ha).



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Entre as atividades executadas nas explorações agropecuárias, 90,0% dos agricultores do município elencaram a agricultura como sendo a principal, com destaque ao cultivo de cereais, que ocupa a metade da superfície utilizada pelos estabelecimentos, sendo o arroz e o milho os protagonistas. Na segunda colocação estão os legumes (17,7% da área), sobretudo feijões e ervilhas, seguido pelas leguminosas (15,6%) e cultivos açucareiros (7,2%), que é basicamente cana-de-açúcar. Quando questionados se o destino principal da produção era comercialização ou autoconsumo, 7 de cada 10 recenseados responderam venda em Saint-Raphael, valor superior à média regional e nacional, que fica próximo de 6 para cada 10 agricultores (MARNDR, 2012).

3.2. Desenho da pesquisa

Para alcançar os objetivos propostos neste artigo, inicialmente foi feita uma revisão bibliográfica nos temas do desenvolvimento rural e das estratégias econômicas dos agricultores familiares. Na sequência foram sistematizados dados secundários disponíveis tanto em instituições internacionais, como Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), Banco Mundial, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), assim como em instituições nacionais, com destaque ao Instituto Haitiano de Nacional de Estatística e Informática (IHSI), Ministério da Agricultura, Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural (MARNDR) e Ministério de Assunto Sociais e Trabalho (MAST).

Também foi realizada uma pesquisa de campo em Saint-Raphael entre 1º de julho de 2021 e 31 de outubro de 2021, quando foi aplicado, em créole haitiano, um questionário a 25 famílias agricultoras. As famílias foram selecionadas a partir de uma amostragem não probabilística, cobrindo as quatro localidades do município: Mathurin, San-Yago, Bouya e Bois Neuf. O questionário foi aplicado de maneira presencial e contou com o apoio de um estudante de agronomia da Universidade do Estado do Haiti, natural de Saint-Raphael. Algumas informações complementares e a conferência de dados foram feitas de modo online (via aplicativos de troca de mensagens). É importante pontuar que o ano de referência dos dados é 2020, marcado pela Covid-19. Ainda que as famílias entrevistadas tenham pontuado que os efeitos da pandemia foram moderados em Saint-Raphael, com poucas restrições ao comércio e à circulação de pessoas, trata-se de um ano particular.

Com base em diferentes estudos (Ribeiro et al., 2014; Salazar e Jiménez, 2007; Peralta et al., 2009; Desalvo, 2011; Alencar, 2013; Lazaroto e Raiher, 2013; Escher et al., 2014; Mamani, 2020; Arrieta e Wesz Jr., 2022; Ramírez-Juárez, 2022), optou-se por diferenciar a renda das famílias rurais em cinco grupos: i) renda agrícola obtida na propriedade por meio da venda de produtos agrícolas, pecuários, pesqueiros, extrativos, florestais e processados; ii) rendimentos não monetários derivados da produção animal e vegetal para autoconsumo; iii) renda não agrícola e trabalho realizado fora da unidade

produtiva, que inclui a venda de mão de obra, negócio próprio, etc.; iv) rendimentos de benefícios e transferências de programas públicos, tais como políticas sociais, pensões, aposentadorias, etc.; v) outras fontes de renda, como arrendamento de terras, aluguel de máquinas, doações familiares em diáspora, etc.

É importante destacar que a renda agrícola (venda e autoconsumo) foi obtida pelo valor bruto da produção, menos consumo intermediário, depreciação e outras despesas (Lima et al., 2001). No caso específico do autoconsumo, embora sejam reconhecidas várias formas de calculá-la (Grisa e Schneider, 2008), foi utilizado como referência o preço de venda do produto (na perspectiva de que, se não consumir, poderá vender com base no valor do mercado local). Para o restante das rendas foram considerados os valores brutos (ex.: salário, diária, doação de familiar, etc.) obtidos por cada integrante da família (Lima et al., 2001).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. As famílias entrevistadas e suas explorações agropecuárias

As 25 famílias entrevistadas somam 142 pessoas (média de 5,7 pessoas por família), sendo que a mais numerosa tem 10 pessoas e a menor tem 3 pessoas. Considerando o total, 55,6% são homens e 44,4% mulheres. Em termos de faixa etária, 10,6% das pessoas têm mais de 60 anos e, apesar de terem maior idade, trabalham de maneira ativa na produção agropecuária. Ademais, 18,3% das pessoas têm entre 40 a 59 anos e 40,1% têm entre 18 e 39 anos. Esses dois grupos têm um papel fundamental nas atividades produtivas. E 31,0% das pessoas têm menos de 17 anos, sendo que esse percentual não é maior porque muitos deles deixam a unidade de produção para estudar no meio urbano.

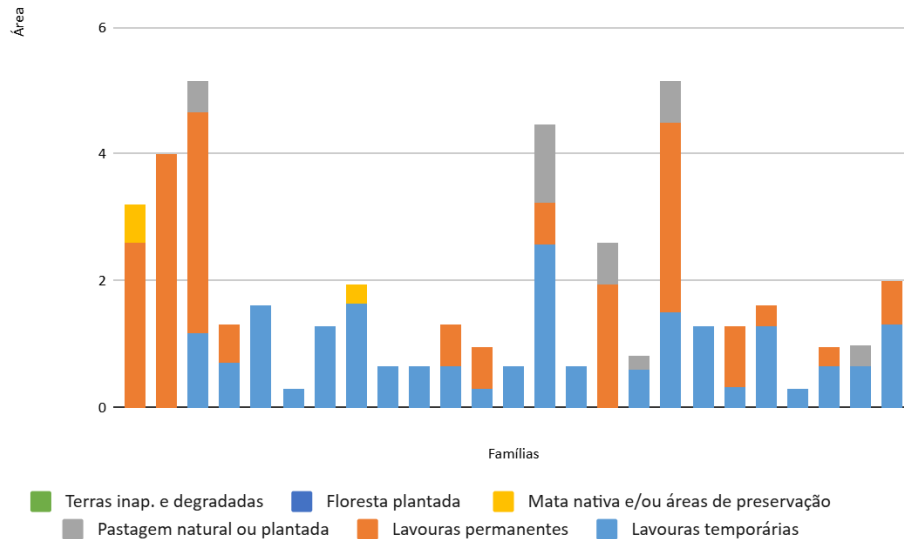
No que concerne à escolaridade entre os integrantes das famílias entrevistadas, em Saint-Raphael, 13% não têm nenhuma escolaridade (analfabetos), 44% têm uma educação fundamental incompleta e 6% têm educação fundamental completa. Além disso, 11% têm ensino médio incompleto e 11% conseguiram terminar seus estudos no ensino médio. Apenas 1% das pessoas fizeram um curso técnico, enquanto 6% tem um curso de graduação incompleto e 8% conseguiram completar um estudo de graduação. Nesse sentido, predomina uma baixa escolaridade entre o conjunto dos integrantes, ainda que em menor proporção quando comparado com o Censo Geral da Agricultura de 2008/2009. Entretanto, no Censo se considera apenas a resposta do chefe do estabelecimento, enquanto nesta pesquisa se considera todos os adultos da família.

As 25 famílias controlam, no total, 47,6 hectares, destinadas principalmente para a agricultura. A área média das famílias é de 1,9 hectares, um valor maior que a média do município – mas, enquanto no Censo se considera a superfície agrícola útil, no questionário foi considerado a área total. A Família 3 e 18 detém maiores superfícies, com 5,2 hectares, enquanto possuem menor superfície as Famílias 6 e 22, com 0,3 hectares (Figura 3). Vale pontuar que 69% dessa área são de terras próprias, que eles conseguiram obter tanto por compra de particular quanto por herança ou doação. Além disso, 29% são terras arrendadas de outro agricultor, 1% não tem titulação definitiva e 1% é utilizada em regime de parceria. Na Figura 3 também é possível visualizar o uso da terra, em que predominam culturas temporárias (principalmente arroz, milho, feijão e mandioca) e permanentes (sobretudo cana-de-açúcar e frutas), sendo inexistente para a maioria das famílias as áreas de pasto e de mata.³

FIGURA III

Área e uso da terra (em hectares) nas explorações agropecuárias das famílias entrevistadas

³ Uma atividade corriqueira no Haiti, assim como em Saint-Raphael, é o uso da mata nativa para produção de carvão (Dor e Wesz Jr., 2023).



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

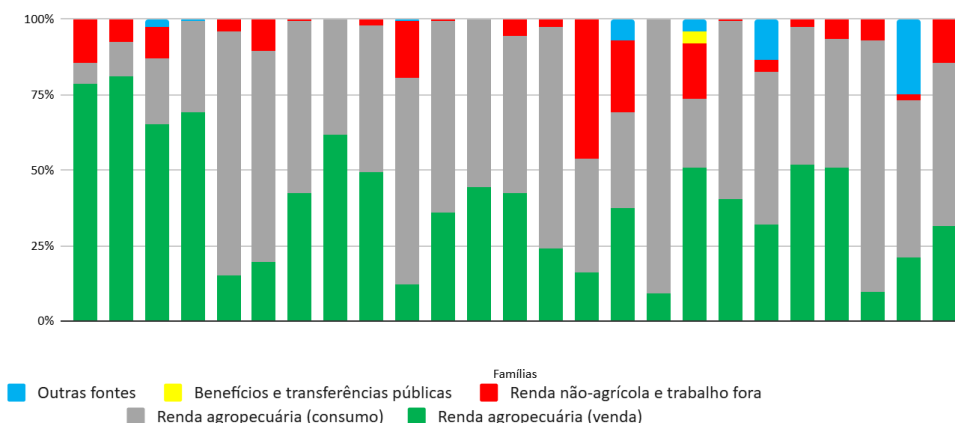
Outros dados que chamam atenção é baixa capacidade organizativa das famílias, pois nenhuma está vinculada a cooperativas, sindicatos e/ou movimentos sociais (somente uma família participa de associação de produtores). Da mesma forma, somente três unidades obtêm assistência técnica (de organizações não-governamentais) e duas acessam crédito rural (via banco privado). A política pública mais acessada diz respeito ao acesso à água, em que 15 famílias são beneficiadas pelos canais de irrigação, que conta com o apoio regular do poder público local para a sua limpeza e manutenção, viabilizando que a água chegue nas diferentes unidades de produção de dispõe de canais. Em termos de acesso a serviços básicos, predomina a carência ou a disponibilidade irregular, em que apenas 24,0% tem acesso a eletricidade e 12,0% tem água encanada. E, neste caso, são beneficiadas aquelas famílias que residem na sede da comunidade rural, pois os agricultores que vivem na unidade de produção não dispõem desses serviços. Infelizmente essas características não são exclusivas dos entrevistados ou de Saint-Raphael, predominado nas áreas rurais de grande parte do Haiti (MARNDR, 2012; Coello et al., 2014; Vliet et al., 2017). Quando questionados sobre como consideram suas condições de vida, nenhum entrevistado respondeu bom ou ótimo, predominando regular (60,0%), mas também citaram ruim (32,0%) e péssimo (8,0%).

4.2. Fontes de renda de famílias rurais em Saint-Raphael

As famílias rurais constroem diferentes estratégias econômicas para enfrentar contextos de vulnerabilidade, risco e instabilidade. Nesse sentido, elas mobilizam um portfólio de possibilidades para sobreviver e melhorar o padrão de vida a partir do contexto em que estão inseridas, dos recursos que dispõem e dos atores com quem interagem. E, muitas vezes, as famílias procuram diversificar as suas estratégias para obter maior autonomia frente às crises e dificuldades inesperadas, o que lhe confere maior espaço de manobra e estabilidade (Bebbington, 1999; Ellis, 2000; Niederle e Grisa, 2008). Muitas das estratégias econômicas mobilizadas se transformam em fontes de renda para as famílias rurais. E, neste campo, há diferentes modalidades de ingressos e, para captar essa multiplicidade, é importante distingui-las. Como destacado na Metodologia, nesta pesquisa a renda das famílias rurais foi dividida em cinco grupos: i) renda agropecuária obtida na propriedade via comercialização; ii) renda agropecuária obtida via autoconsumo; iii) renda não agrícola e trabalho realizado fora da unidade produtiva; iv) rendimentos de benefícios e transferências de programas públicos; v) outras fontes de renda.

Entre as 25 famílias entrevistadas, as duas rendas mais presentes no ano de 2020 estão vinculadas às atividades agropecuárias, seja para venda, seja para autoconsumo, incidindo entre todos os informantes. Para oito famílias o ingresso via comercialização da produção agropecuária representa mais da metade da sua renda, enquanto o autoconsumo é a principal fonte para 14 famílias. Em relação à renda não agrícola e trabalho realizado fora da unidade produtiva, apenas 4 famílias não têm esse tipo de ingresso, mas ela não representa uma parcela tão expressiva do valor da renda total como nos dois casos citados anteriormente. Em relação aos rendimentos provindos de benefícios e transferências de programas públicos, há uma baixíssima incidência, alcançando apenas a Família 18. As outras fontes, que atingem 7 famílias, provem unicamente de recursos recebidos de familiares residentes no exterior (Figura 4).

FIGURA IV
Composição das fontes de renda das famílias rurais entrevistadas em Saint-Raphael (2020)



Fonte: Pesquisa do campo (2021).

Em termos de valor, as 25 famílias somaram uma renda total de 16.291.804,66 gourdes ou 223.197,72 dólares⁴ para o período de referência (2020), o que daria uma renda média mensal de 743,99 dólares por família. Embora esta média indique para um montante elevado, há uma enorme desigualdade entre as famílias (Figura 5), visto que a Família 1 responde por um terço da soma da renda das 25 famílias. E, contabilizando os valores das 4 famílias com maiores ingressos (1, 2, 3 e 18), elas alcançam mais de 61,4% do total (renda média mensal de 2.855,10 dólares). No oposto, as 10 famílias com menor renda não correspondem por nem 10% do valor total (renda média mensal de 108,40 dólares). As principais razões da elevada renda das Famílias 1, 2, 3 e 18 referem-se ao controle de maiores áreas de terra (Figura 3), além de uma produção agropecuária mais profissionalizada e com acesso à irrigação. No caso das Famílias 1 e 2, elas também agregam valor à sua produção de cana-de-açúcar, pois produzem e vendem xarope e clairin, um destilado típico haitiano, similar à cachaça. Além disso, as Famílias 1, 3 e 18 tem membros do grupo doméstico com ensino superior, na maioria dos casos engenheiros agrônomos, que reflete na produtividade agrícola e, automaticamente, na renda.

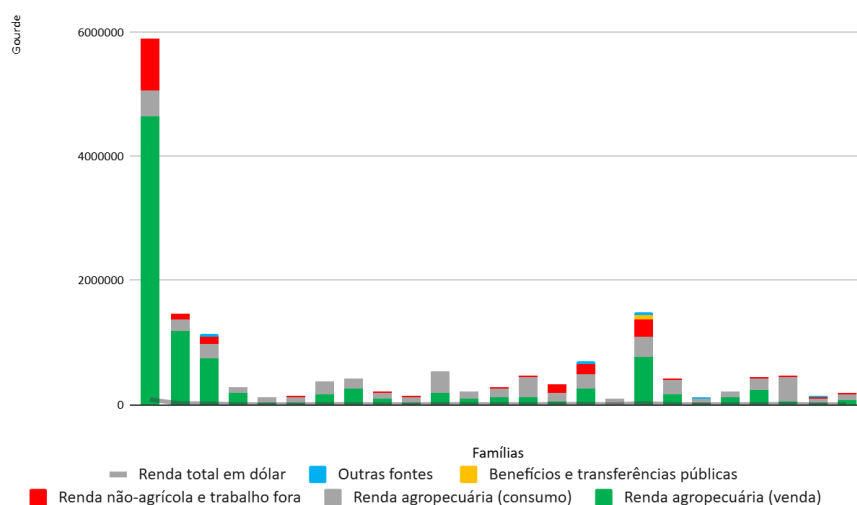
Fazendo uma análise do volume total de renda das 25 famílias por tipos de ingresso, 59,1% provém da comercialização da produção agropecuária obtida na exploração (ainda que somente a Família 1 responde por 48,3% desse valor). Além disso, 28,1% do ingresso provem de rendimentos não monetários derivados da produção animal e vegetal, isto é, produção para autoconsumo. Completam o quadro a renda não agrícola e o trabalho realizado fora da unidade produtiva (11,3%), além das outras fontes de renda (1,2%) e os rendimentos de benefícios e transferências de programas públicos (0,4%). Uma

⁴ Em 31 de dezembro de 2020, segundo a cotação oficial, 1 dólar equivalia a 0,013700 gourdes.

característica que chama atenção é a predominância da renda agropecuária (venda e autoconsumo), que chega a 87,1%.

Se, por um lado, vem ganhando destaque no debate acadêmico latino-americano o tema da desagrarização da renda da agricultura familiar (Grammont, 2009; Salas e González, 2013; Blanco e Bardomá, 2015; Quaranta, 2021; Thies e Conterato, 2022), que indica um aumento da renda monetária proveniente de atividades não-agrícolas, por outro lado, Saint-Raphael aponta para uma tendência distinta. A comuna em estudo segue sendo uma área em que a agricultura exerce um papel fundamental, cujas opções de emprego no setor industrial e de serviços são limitadas. Embora 84,0% dos entrevistados disseram ter renda oriunda de fontes não-agrícola e de trabalho realizado fora da unidade produtiva, esse tipo de ingresso apresenta um valor pouco expressivo, pois em nenhum caso alcança a metade da renda familiar⁵ (Figura 4).

FIGURA V
Renda familiar anual (2020) das famílias rurais entrevistadas em Saint-Raphael (em gourde e dólar)



Fonte: Pesquisa do campo (2021).

No caso da renda via comercialização da produção agropecuária, o cultivo de milho é uma das atividades agrícolas mais importantes, sendo que as 25 famílias entrevistadas são produtoras e vendedoras deste produto. Depois vem o feijão, que é comercializado por 24 famílias, o arroz (19 famílias) e a mandioca (16 famílias). Também aparecem, com menos frequência, a batata doce, banana, alho-poró, cenoura e cebola. Sobre as atividades pecuárias, a produção de aves predomina, com 15 famílias produtoras e vendedoras, seguido pelos bovinos (comercializada por 12 famílias), cabras (10 famílias) e suínos (4 famílias) - somente uma família produz e vende peixe. Além disso, quatro famílias se dedicam à produção de ovos e duas à produção de leite. Em relação aos produtos industrializados ou processados, duas famílias vendem geleia de tomate e manga, além das duas primeiras famílias que transformam a cana-de-açúcar em xarope e *clairin*, como já destacado.

Embora o baixo preço no momento da venda seja uma reclamação frequente entre os agricultores, a renda agropecuária se beneficia pelo baixo custo de produção. Além de muitos não usarem insumos externos à propriedade rural para alguns cultivos, o fato de haver uma reduzida contratação de mão-de-obra também contribui, como comentou o entrevistado da Família 8:

Quando eu tenho muito serviços na minha propriedade, tem alguns outros *paysans* que me ajudam, e faço o mesmo quando eles têm muito serviço também. Isto é feito entre todos os

⁵ No entanto, é importante considerar que esse dado é de 2020, e pode ter sido influenciado pela pandemia.

paysans da nossa comunidade, nós chamamos isto de *konbit*. Isso de viver em comunidade ajuda muito a diminuir os nossos custos de produção, porque permite um menor gasto com mão de obra. [tradução livre]

Vale pontuar que, no caso de Saint-Raphael, muitos agricultores realizam a comercialização dos produtos agropecuárias na própria unidade de produção, visto que alguns intermediários saem de outros municípios ou de outras regiões do país e vão até as localidades rurais para adquirir a produção e depois revender em diferentes lugares, inclusive na capital Porto Príncipe e região metropolitana. Os agricultores entrevistados também vendem seus produtos para comerciantes locais, que compram para revender em um grande mercado público que tem no município, que funciona todos os dias da semana, com destaque às quintas-feiras, quando é mais movimentado, pois vêm compradores e vendedores de outros municípios e de outras regiões do Haiti (Osthe e Wesz Jr., 2024). Entre os entrevistados, os mais capitalizados dispõem de veículos para fazer o deslocamento, levando seus produtos até o mercado público para comercializar de maneira direta, o que se reflete em um melhor preço recebido.

A segunda fonte de renda mais expressiva, que é a principal fonte de ingresso da maioria das famílias (Figura 4), refere-se aos rendimentos não monetários derivados do autoconsumo da própria produção animal e vegetal. Segundo Grisa e Schneider (2008), o autoconsumo é definido pela parcela da produção obtida pela família que é destinada ao seu autoprovisionamento. Embora seja um ingresso presente entre as 25 famílias, aquelas que apreendem um maior valor no autoconsumo também são aquelas que dispõem de uma maior quantidade de pessoas, superior a seis pessoas no grupo doméstico. E, entre os principais produtos consumidos, está o arroz, feijão, mandioca e milho, mas também é expressiva a carne de frango, cabra e suíno, além de algumas verduras (cenoura, cebola, alho-poró) e frutas (banana, manga, abacate).

Conforme Dor e Wesz Jr. (2023), o autoconsumo é uma importante estratégia econômica, que cumpre um papel muito importante entre os *paysans* haitianos, sobretudo em contexto de crise, sendo central para melhoria das condições alimentares das famílias rurais. Mas, além da venda e consumo, os agricultores de Saint-Raphael também realizam doações. Conforme um agricultor entrevistado,

Nós, *paysans*, temos a nossa produção não somente para autoconsumo e comercialização, ela é para doação também, porque nós compartilhamos com outros que não tem possibilidade de plantar em uma temporada ou com outras pessoas em nossa comunidade que não tem produção agrícola. Além disso, temos alguns parentes que moram nas cidades e, com muito orgulho, compartilhamos o que nós temos com eles quando eles vêm nos visitar no campo. [tradução livre]

Em relação às rendas não-agrícolas e o trabalho fora da exploração agropecuária, embora 21 das 25 das famílias tem um ingresso dessa fonte, apenas para as Famílias 15 e 16 ela responde por mais de 20% da renda total (Figura 4). De todo modo, a grande maioria pode ser identificada como famílias pluriativas, ou seja, famílias em que seus integrantes mesclam atividades agropecuárias e não-agropecuárias (Schneider, 2003). Neste grupo estão diferentes categorias de atividades não-agrícolas, como trabalho no setor de comércio, construção civil, educação, saúde, transporte, entre outros. Mesmo que esta fonte não ocupe uma parcela tão expressiva da renda das famílias – sobretudo quando comparado aos valores apontados pelos estudos de Zamora (2007), Grammont (2009), Blanco e Bardomá (2015), Quaranta (2021) e Thies e Conterato (2022) para outras localidades latino-americanas –, esta é uma estratégia econômica importante entre os agricultores de Saint-Raphael, sendo geralmente um ingresso mais seguro e estável quando comparado à atividade agrícola (Martin, 2012; Alencar, 2013; Escher et al., 2014).

No que se refere às rendas obtidas a partir de benefícios e transferências públicas, a sua presença entre as famílias é praticamente nula, derivada da própria ausência do Estado no apoio à população rural haitiana. Inexistem no país programas sociais de transferência de renda, combate à pobreza, fome ou mesmo um programa de previdência para os agricultores ou auxílio doença ou maternidade (Lamaute-Brisson, 2013; Gutiérrez e Gilbert, 2019). Apenas a Família 18 foi incluída nesse grupo de ingresso em função da aposentadoria de uma das integrantes, que por décadas trabalhou no setor da educação. A presença de ingressos dessa natureza contribuiria de maneira substantiva com a economia dos

agricultores haitianos, dada a centralidade que os benefícios e as transferências públicas tem para as populações rurais pobres, como mostram os estudos de Grammont (2009), Ribeiro et al. (2014), Polo-Murcia e Terán-Chaves (2021), Arrieta e Wesz Jr. (2022) e Mamani (2020) para famílias rurais do México, Brasil, Colômbia, Peru e Bolívia, respectivamente.

Por fim, nas outras rendas, apareceu a doação feita por familiares ou amigos que deixaram a área rural de Saint-Raphael. Na maioria são pessoas mais jovens que emigraram do Haiti e enviam remessas financeiras frequentes aos parentes próximos que permanecem no campo. Essa categoria de ingresso beneficia sete famílias, com uma renda média anual de 27.570 gourdes (370 dólares). Como aponta Aldasoro (2020), além do Haiti, as remessas do exterior também são corriqueiras entre agricultores do México, da América Central (principalmente Honduras, El Salvador, Guatemala e Nicaragua) e Caribe (sobretudo República Dominicana e Jamaica). São recursos fundamentais que cobrem tanto despesas básicas do cotidiano das famílias receptoras (alimentos, água, energia elétrica, medicamentos, etc.) como, em alguns casos, permitem investimentos produtivos.

Como se pôde perceber ao longo do texto, uma das estratégias econômicas das famílias rurais de Saint-Raphael é a diversificação dos ingressos. Cada família tem, em média, 14,3 distintas fontes de ingresso em 2020, sendo que aquelas com maior renda (1, 2, 3 e 18) superam as 20 fontes no ano. Portanto, as famílias mais diversificadas detêm um ingresso superior à média, estando nas primeiras posições. Conforme Niederle e Grisa (2008, p. 50), a “diversificação torna-se uma alternativa consistente para garantir maior estabilidade e autonomia frente a um contexto crescentemente incerto”.

Em termos da percepção das famílias acerca da sua renda, 44% dos agricultores consideram como regular e houve um empate nas respostas que indicaram como ruim e péssima (28%), sendo que ninguém respondeu boa ou ótima. Da mesma maneira, predomina uma insatisfação com a atividade agropecuária e com o espaço rural, e dois terços acredita que o período atual é pior quando comparado com a época de seus pais. Além disso, a maioria não sabe se algum membro da família seguirá na condução do estabelecimento agropecuário no futuro e 92% dizem que há integrantes do grupo doméstico com interesse em (e)migrar de Saint-Raphael. Esse é um retrato da frágil e desigual situação econômica das famílias rurais pesquisadas, que dimensiona o quão grande é o desafio de pensar em processos de desenvolvimento rural nesta localidade.

5. CONCLUSÕES

Este trabalho analisou as fontes de renda de 25 famílias rurais do município de Saint-Raphael, Norte do Haiti, destacando uma variedade de atividades econômicas que compõem o ingresso dos entrevistados, que perpassa tanto a produção agropecuária (para venda e consumo), além de atividades não-agrícolas (no setor da saúde, educação, construção civil, transporte, entre outros) e do recebimento de remessas de familiares que vivem no exterior. Como aponta Ramírez-Juárez (2022, p. 559), “a agricultura familiar mantém diferentes racionalidades produtivas e estratégias de renda”.

No caso estudado, apesar de serem famílias majoritariamente pluriativas, a atividade agropecuária é predominante e tem a maior relevância, seja em volume de renda, seja em incidência entre as famílias. Em termos de valor, a comercialização da produção agropecuária é mais expressiva, sendo responsável por 6 de cada 10 gourdes. Entretanto, o autoconsumo é a renda majoritária para 56,0% das famílias pesquisadas, contribuindo economicamente, pois não precisa comprar parte da sua alimentação, além de ser um elemento central para melhoria das condições alimentares do grupo doméstico, algo indispensável em um país onde a fome segue em patamares muito preocupantes. Os resultados deste estudo também indicam uma forte desigualdade na renda entre famílias, além de uma elevada insatisfação acerca da sua condição financeira e uma baixa perspectiva de futuro entre os entrevistados.

As famílias ressaltam problemas comuns que fazem com que não alcancem uma rentabilidade justa ou esperada nas suas atividades, mais especificamente nas atividades agropecuárias, que pode ser considerada o motor das suas rendas. Entre as dificuldades, duas predominam na fala dos entrevistados. A primeira refere-se às condições climáticas desfavoráveis, pois além dos desastres naturais, frequentemente se deparam com a falta e/ou excesso de chuva. Apesar da irrigação, ela não chega à todas as famílias e a chuva ainda tem uma importância particular no abastecimento dos reservatórios. A

segunda dificuldade recai na falta de políticas públicas para as famílias, pois praticamente não há apoio do governo central e do governo local, deixando os agricultores excluídos de programas produtivos (de crédito, assistência técnica, acesso a mercado, preço, seguro) e de iniciativas sociais ou assistenciais (transferência de renda, enfrentamento da fome, aposentadoria, auxílio doença ou maternidade, etc.). Contudo, em meio à situação em que o Haiti está imerso atualmente, as perspectivas acerca da atuação do Estado são baixas, para não dizer nulas. E, com a crise na segurança pública, as poucas organizações não-governamentais internacionais que permaneciam no país, estão se retirando, deixando a população rural ainda mais desamparada.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aldasoro, B. (2020). Mejores prácticas sobre iniciativas para promover la inclusión financiera de receptores de remesas en el ámbito rural. Ciudad de México: Cepal.
- Alencar, M. M. C. de M. (2013). Pluriatividade na agricultura familiar no território da Mata Sul de Pernambuco. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Serviço Social) - UFPE, Recife.
- Arps, S., & Peralta, K. J. (2021). Living conditions and health care usage of Haitian families in the Dominican Republic. *Global Public Health*, 16(1), 103-119.
- Arrieta, G. Y. V., & Wesz Jr., V. J. (2022). Fuentes de ingreso de las familias rurales en el caserío Las Huacas (Piura-Perú): un análisis para los años 2018 y 2020. *Revista Latinoamericana de Estudios Rurales*, 7(14), 1-33.
- Banco Mundial. (2024). Estadísticas. Recuperado de <https://datos.bancomundial.org/>
- Barrozo, J. C. (2014). A colonização em Mato Grosso como “portão de escape” para a crise agrária no Rio Grande do Sul. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, 32(2), 144-166.
- Baptiste, B. J. (2007). Liberalización comercial y producción de arroz en Haití. *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, 87, 1-10.
- Bebbington, A. (1999). Capitals and capabilities: a framework for analyzing peasant viability, rural livelihoods and poverty. *World Development*, 27(12), 2021-2044.
- Beckett, G. (2020). Unlivable Life: ordinary disaster and the atmosphere of crisis in Haiti. *Small Axe*, 24(2), 78-9.
- Blanco, M., & Bardomás, S. (2015). Agrario y no agrario: ingresos de hogares rurales argentinos. *Revista Mexicana de Sociología*, 77(1), 95-127.
- CEPAL. (2024). Bases de datos y publicaciones estadísticas. Recuperado de <https://statistics.cepal.org/>
- Charles, A. (2019). Haïti: un contexte complexe. In Gutiérrez, G. S. & Gilbert, R. (Eds.), *Coopération internationale en Haïti* (pp. 37-84). Nations Unies.
- Dubois, L. (2012). *Haiti: The aftershocks of history*. Metropolitan Books.
- Coello, B., et al. (2014). *Rural development in Haiti: challenges and opportunities*. World Bank. <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/21375>
- David, J. B. (2021). Imigração haitiana no Brasil e saúde. *Revista Mercosur de Políticas Sociais*, 5(1), 115-128.
- Desalvo, A. (2011). ¿Campesinos o asalariados rurales?: Una caracterización social actual de las familias rurales del Departamento de Atamisqui, Santiago del Estero. *Mundo Agrario*, 11(22), 1-23.
- Élisma, C., & Joyal, A. (2013). Le défi du développement rural en Haiti étude de cas. *Revista Maestra*, 1(1), 13-40.
- Ellis, F. (2000). The determinants of rural livelihood diversification in developing countries. *Journal of Agricultural Economics*, 51(2), 289-302.
- Étienne, B. (2023). La crise de la production de riz en Haïti, comment pallier à cet effet : cas de la vallée de l'Artibonite. 66f. Dissertação (Mestrado em Gestão) - Université De Liège, Liège, Belgica.
- FAO. (2024). Panorama regional de la seguridad alimentaria y nutricional 2023. <https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/afb901b8-a419-47d8-a523-b35dc31bed7e/content>

- Frenat, F., & Wesz Jr., V. J. (2024). Libéralisation du marché en Haïti et ses effets sur la production de riz. *Revista Nera*, 23, e10409.
- Dor, I., & Wesz Jr., V. J. (2023). Características, importância e desafios da agricultura familiar no Haiti: uma análise de Fond'oies - Léogâne. *Desenvolvimento em Questão*, 21(59), e12051.
- CONDRAF. (2013). 2ª Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidária. Recuperado de <https://www.ipea.gov.br>
- Gómez Ramirez, H. (2022). Haiti's political and humanitarian crisis. Recuperado de <https://policycommons.net/artifacts/2210670/haitis-political-and-humanitarian-crisis/2967093/>
- Escher, F., et al. (2014). Caracterização da pluriatividade e dos plurirrendimentos da agricultura brasileira a partir do Censo Agropecuário 2006. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 52(4), 643-668.
- Grammont, H. C. (2009). La desagrarización del campo mexicano. *Convergencia*, 16(50), 13-55.
- Grisa, C., & Schneider, S. (2008). "Plantar pro gasto": a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 46(2), 481-515.
- Gutiérrez, G. S., & Gilbert, R. (2019). Cooperação internationale en Haïti: tensions et leçons - les cas du Brésil, du Chili et du Mexique. *Nações Unidas*.
- IHSI. (2015). Haiti: Estimation de la population par section communale de 2015. Recuperado de <https://www.humanitarianresponse.info/fr/operations/haiti/document/haiti-estimation-de-la-population-par-section-communale-de-2015-fr>
- Lamaute-Brisson, N. (2013). Sistemas de protección social en América Latina y el Caribe: Haití. CEPAL: Santiago.
- Lazaroto, J., & Raiher, A. P. (2013). Determinantes da renda e pobreza dos agricultores do Vale do Ribeira. *Revista de Política Agrícola*, 22(1), 5-25.
- Lévy, M. (2001). Conflits terriens et réforme agraire dans la plaine de l'Artibonite (Haïti). *Cahiers des Amériques Latines*, 36, 183-206.
- Lima, A. P., et al. (2001). Administração da unidade de produção familiar: modalidades de trabalho com agricultores (2ª ed.). Unijuí.
- Lundahl, M. (2015). *Peasants and Poverty: a study of Haiti*. Routledge.
- Mamani, Z. U. (2020). Fuentes de ingreso en la comunidad rural de Piquiñani - Distrito Chijmuni - Provincia Aroma - La Paz - Bolivia. (Trabajo de Conclusión de Curso de Graduación en Desarrollo Rural y Seguridad Alimentaria) - UNILA.
- MARNDR. (2012). Synthèse nationale des résultats du recensement général de l'agriculture (RGA) 2008/2009. Recuperado de <https://agriculture.gouv.ht>
- MARNDR. (2016). Situacion de la filière riz. Recuperado de http://agriculture.gouv.ht/statistiques_agricoles/wp-content/uploads/2016/11/Situation-de-la-fili%C3%A8re-riz-2014-15.pdf
- Martin, C. (2012). Migraciones, pluriactividad y recomposición del espacio rural: las dinámicas múltiples del sur boliviano. *Espacialidades*, 2(2), 182-213.
- MAST. (2021). Databases. Recuperado de <https://socialprotection.org/discover/databases>
- MTPTC. (2014). Statistique. Recuperado de <https://www.mtptc.gouv.ht/>
- Niederle, P. A., & Grisa, C. (2008). Diversificação dos meios de vida e acesso a atores e ativos. *Cuadernos de Desarrollo Rural*, 5(61), 28-28.
- Osthe, J. & Wesz Jr., V. J. (2004). Abastecimento alimentar em contextos de crise: uma análise sobre o Haiti. *Confins*, 63, 58095.
- Oxfam. (2016). Desterrados: tierra, poder y desigualdad en América Latina. Recuperado de <https://www.oxfam.org.br/publicacao/desterrados-tierra-poder-y-desigualdad-en-america-latina/>
- Paul, B., Dameus, A., & Garrabe, M. (2010). Le processus de tertiarisation de l'économie haïtienne. *Études caribéennes*, 16, 1-15.
- Paul, B., Govain, R., & Emmanuel, E. (2023). En Haïti, des crises qui en cachent d'autres. *Études Caribéennes*, 56, e29813.

- Peralta, N., et al. (2009). Renda doméstica e sazonalidade em comunidades da RDS Mamirauá, 1995-2005. *Scientific Magazine Uakari*, 5(1), 7-19.
- PNUD. (2024). Human Development Report 2023/2024. Recuperado de <https://hdr.undp.org/system/files/documents/global-report-document/hdr2023-24reporten.pdf>
- Polo-Murcia, S. M., & Terán-Chaves, C. A. (2021). Ingresos rurales no agrícolas de hogares de pequeños productores agropecuarios en Colombia. *Perspectivas Rurales*, 19(38), 96-117.
- Quaranta, G. (2021). Población, hogares y ocupaciones rurales frente al cambio social. Santiago del Estero, Argentina. *Inter disciplina*, 9(25), 19-49.
- Ramírez-Juárez, J. (2022). Seguridad alimentaria y la agricultura familiar en México. *Revista Mexicana de Ciencias Agrícolas*, 13(3), 553-565.
- Ramos, A. (2003). Desarrollo rural sostenible con enfoque territorial: políticas y estrategias para Uruguay. IICA.
- Ribeiro, E. M., et al. (2014). Programas sociais, mudanças e condições de vida na agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha Mineiro. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 52, 365-386.
- Rocha, S. F., et al. (2021). Desenvolvimento rural no Brasil: políticas públicas diante da vulnerabilidade e da resiliência da agricultura familiar. *Terceira Margem Amazônia*, 7(17), 55-72.
- Salas, H., & González, I. (2013). Deagrarianization and diversification of socio-labour and economic strategies in the Mexican countryside. *International Journal of Latin American Studies*, 3(1), 1-32.
- Salazar, C., Jiménez, E. Z. (2018). Ingresos Familiares Anuales de campesinos e indígenas rurales en Bolivia. La Paz: CIPCA.
- Schneider, S. (2003). A pluriatividade na agricultura familiar. Porto Alegre: Ed. da UFRGS.
- Schneider, S. (2010). Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. *Brazilian Journal of Political Economy*, 30(3), 511-531.
- Schreiner, O. (1985). Perimetre irrigue de St. Raphael. GTZ.
- Théodat, J-M. (2001). Le jaden, berceau de l'identité haïtienne. *Géographie et Culture*, 37, 117-133.
- Thies, V. F., & Conterato, M. A. (2022). Desagrarização e agrarização da agricultura familiar em Salvador das Missões-Rio Grande do Sul. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 61(1), 1-22.
- Valler Filho, W. (2007). O Brasil e a crise haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática. FUNAG.
- Van Vliet, G., et al. (2017). La problématique foncière en Haïti: Comment le Recensement Général Agricole de 2010. Cirad.
- Zamora, E. J. (2007). La diversificación de los ingresos rurales en Bolivia. *Íconos: Revista de Ciencias Sociales*, 29, 63-76.